



Manuel Grácio
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Liliana Monteiro

Ana Isabel Fernandes

Transcrição

Liliana Monteiro

Edição da História de Vida

Liliana Monteiro

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-00-6

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Manuel Grácio

Manuel Grácio nasceu a 7 de Junho de 1939, em Soito da Ruiva. Filho de Manuel Grácio Francisco, de quem herdou o nome, e de Maria da Piedade Mendes, ambos naturais de Soito da Ruiva. Da sua infância recorda as brincadeiras com o arco e a "gancheta", feitos com os arcos das pipas do vinho. Ainda muito novo, partiu para Lisboa, onde começou a descarregar vagões nos caminhos-de-ferro. Em 1960 foi para a tropa, onde esteve cerca de 30 meses. Quando acabou o serviço militar foi descarregar peixe para a Ribeira, em Lisboa. Casou-se com Arminda Rosa Neves, a 23 de Fevereiro de 1963. Tem dois filhos e duas netas. Deixou a Docapesca, onde trabalhava, em 1998. Agora, reformado, ocupa-se a guardar gado. Como refere: "Vim parar ao que é meu"!

Conteúdo

Identificação <i>Manuel Grácio</i>	4
Ascendência “ <i>Ambos eram de Soito da Ruiva</i> ”	4
Casa “ <i>Cubiculozito pequeno</i> ”	5
Infância “ <i>Umaz vezes a brincar, outras vezes a ralar uns com os outros</i> ”	5
“ <i>A tocar concertina</i> ”	5
<i>Jogo da panela</i>	6
<i>Jogo do arco</i>	6
<i>Entretidos a caminho de casa</i>	6
Educação “ <i>Tinha 7 anos</i> ”	7
<i>De orelhas bem lavadas</i>	8
Migração “ <i>42 anos em Lisboa</i> ”	9
Percurso Profissional <i>Dos caminhos-de-ferro ao peixe</i>	11
“ <i>O meu pai puxou-me lá para o peixe</i> ”	13
<i>107 mil e quinhentos escudos era dinheiro!</i>	14
<i>Docapesca</i>	14
“ <i>Fazíamos de conta que éramos irmãos</i> ”	15
Namoro “ <i>Era por cartas</i> ”	16
Casamento “ <i>Fomos recebidos na capela</i> ”	16
<i>Casamentos de fora</i>	18
Quotidiano <i>Rotinas da terra</i>	19
“ <i>Burnalzito às costas</i> ”	19
Costumes <i>Épocas festivas e sabores típicos</i>	20
“ <i>Queimava-se o gato</i> ”	21
“ <i>À luz da candeia</i> ”	21
“ <i>Comíamos o que a gente quisesse</i> ”	21
<i>Romaria a São Lourenço</i>	22
<i>A malha do centeio e a desfolhada</i>	24
<i>Pão leve</i>	24
Religião “ <i>Pedir a bênção</i> ”	24
<i>25 tostõezitos</i>	25
Lugar “ <i>Vim parar ao que é meu</i> ”	26
Sonhos “ <i>Gostava... que a gente tivesse transporte</i> ”	26
Avaliação	27



Fotografia 1: Manuel Grácio. Soito da Ruiva, 2007.

Identificação *Manuel Grácio*

O meu nome é Manuel Grácio. Nasci em Soito da Ruiva a 7 de Junho de 1939.

Ascendência “*Ambos eram de Soito da Ruiva*”

O meu pai chamava-se Manuel Grácio Francisco e a minha mãe Maria da Piedade Mendes. Ambos eram de Soito da Ruiva.

A minha mãe sempre viveu em Soito da Ruiva e trabalhava na agricultura. O meu pai trabalhava em Lisboa, no peixe, na padiola. Descarregava o peixe na Praça da Ribeira. Andou por lá uma data de anos, salvo erro 42 anos. Calhou lá arranjar aquele trabalho! Ainda chegou a trabalhar durante uns anos na cortiça, na Piedade. Mas reformou-se do trabalho da Ribeira e veio depois para Soito da Ruiva.

Às vezes vinha a Soito da Ruiva gozar um mesito, mas trabalhava na agricultura a semear o renovo (semente, rebento), batatas, feijão. Outras vezes, vinha apanhar a azeitonita para se fazer o azeite e a uva para se fazer o vinho. Tínhamos uma adega em casa, a qual mais tarde tive que mandar arranjar.

Casa “*Cubiculozito pequeno*”

Quando era miúdo morava com o meu pai, a minha mãe e as minhas duas irmãs. Uma já faleceu e outra ainda é viva. A minha irmã, a falecida, era a mais velha. Eu era o do meio. A minha irmã que está viva tem menos 8 anos do que eu.

Criei-me numa casa que fica logo acima da minha. Recordo-me que tinha dois quartitos. As minhas irmãs dormiam num dos quartos e os meus pais no outro. Eu dormia lá num cubiculozito pequeno, num canto. A cama era feita com uns bancos de madeira e umas tabuazitas por cima, um bocado de palha e a gente dormia em cima daquilo. Não havia outro meio. Tinha também a cozinha, a salita e a loja que ficava por baixo. Chamava a gente a loja, que era onde o meu pai tinha a adegazita e animais. A gente passava mais tempo na cozinha. Outras vezes era na sala, mas não havia televisão, não havia nada.

Morávamos nessa casa, mas o meu pai, entretanto, comprou outra mais abaixo. Nessa altura, deixei de dormir no cubiculozinho. As minhas manas dormiam em cima e eu vinha dormir em baixo.

Infância “*Umás vezes a brincar, outras vezes a ralar uns com os outros*”

Eu e as minhas irmãs passávamos os dias umas vezes a brincar, outras vezes a ralar uns com os outros. Mas passou-se aqui uma vida muito triste, porque não se via aí um carro, não se via nada. Não tínhamos luz, não tínhamos água. Nada. A gente ainda passou um bocadito mal, porque muitas vezes a gente queria comer certas coisas e não havia.

“*A tocar concertina*”

Certo dia, a minha mãe viu-me assim tão esmorecido e comprou-me uma concertinazita. Primeiro, comprou-me um harmonicozito. Chamava a gente um harmónico. De-

pois comprou-me uma concertinazita. Era o meu divertimento. Fechava-me ali sozinho a tocar a concertinazita e ali passava o tempo. Era eu que inventava as músicas, pois não tínhamos cá livros nenhuns. O que viesse à ideia era o que a gente tocava.

Jogo da panela

Também tinha outras brincadeiras. Chegava-se a jogar à panela, junto do chafariz, as raparigas com os rapazes. Brincávamos uns com os outros. Nessa altura, as raparigas também brincavam com a gente e a gente com elas. Não havia problema.

Jogo do arco

Também havia o jogo do arco, nem todos tinham, mas eu ainda cheguei a ter. A gente chamava uma "gancheta" e o arco e andava a rolar com isso pelas ruas. Fazia um barulho que eu sei lá. Eram feitos com os arcos dos pipos. A gente cortava-os um bocado e depois tornava-o a pegar para ficar à nossa maneira.

Entretidos a caminho de casa

Às vezes, quando os dias eram maiores, a gente entretinha-se a brincar no caminho da escola para casa. Sabíamos que quando chegávamos a casa obrigavam-nos a trabalhar. Então, a gente entretinha-se às vezes por este caminho acima. Não era estrada. Era um caminho, um carreiro de gado. De resto, não tínhamos cá mais nada para a gente se divertir.

Também tínhamos os bailes. Por acaso, o meu pai nunca me estragou de ir para os bailes, pois via que era muito divertido. Mas para as minhas irmãs era diferente. A educação que o meu pai nos dava era muito rígida. Sempre foi muito religioso. Antes de se ir para os bailes tinha-se que comer e, no fim de comer, ele fazia a reza dele e nós sempre ao pé. No fim da reza íamos pedir

a bênção ao meu pai e à minha mãe, tanto eu como as minhas irmãs, e só depois ele dizia:

- "Vai, mas tem juizinho nessa cabeça!"

Nunca me estorvou a ir aos bailes. Mas nem eu nem as minhas irmãs podíamos arrancar de lá do pé deles para fora sem fazer a reza. Em ele fazendo a reza, então depois já podíamos ir.

Educação “*Tinha 7 anos*”

Em Soito da Ruiva havia algumas crianças no meu tempo. No ano em que nasci éramos apenas dois. Mas ainda houve aí anos de nascerem nove e dez. Na escola de Sobral Magro, onde andei, chegaram a andar cerca de 30 e tal alunos da aldeia.

Eu andei na escola em Sobral Magro, porque não havia escola na aldeia. Só mais tarde é que construíram uma escola. Recordo-me que veio cá o engenheiro fazer a planta da escola, construída depois junto à Torre do Relógio. Antes de construírem a escola, algumas crianças chegaram a estudar numa casita que havia na aldeia. Mas eu já não andei aqui, fui lá para baixo, no Sobral Magro.

Tinha 7 anos quando fui para a escola, onde andei uns três ou quatro anos. Na altura, a gente saía da aldeia de manhã e só aparecia à noite. Com duas sardinhas ou um ovo frito no meio de um bocado de pão, ou coisa assim, a gente lá andava todo o dia. Tínhamos que ir a pé para o Sobral Magro e demorava mais de meia hora. Assim era todos os dias, para baixo e para cima.

Recordo-me que os rapazes e as raparigas ficavam juntos na mesma sala. Os rapazes ficavam num lado e as raparigas noutro. A escola só tinha uma sala. Havia lá outra salita mais pequena, mas era onde a professora ia mudar de roupa. Na mesma sala ficavam todos os alunos de todas as classes até à 4ª classe. Na altura, só se estudava até à 4ª classe. A partir daí, só quem tinha posses é que ia depois estudar para Coja ou Arganil.

Naquela altura, as professoras não se interessavam tanto pelos alunos como agora. A gente ia para lá, muitas vezes, para estar a dormir em cima da carteira. E a

professora chegava a ter cerca de cento e tal alunos e é natural que uma pessoa só não podia dar volta. Lembro-me que ela ia apertando mais com aqueles que já estavam na 3ª ou 4ª classe, até porque os pais lá lhe iam dando alguns presentezitos.

Quase todos os anos, mudava-se de professora. Nunca cá veio professor, eram só professoras. Já não me recordo bem do nome delas, mas sei que elas nos davam porrada que eu sei lá. Não é como agora! Agora temos que estar a pau! Vê-se aí na televisão que os alunos até já batem nos professores. Mas isso também é uma falta de respeito dos pais. Naquela altura era diferente. A professora marcava-nos uma tarefa e se não fizéssemos ou se déssemos erros, éramos chamados ao pé dela e dava-nos com uma régua.

De orelhas bem lavadas

Na escola, havia um aspecto que podia dar castigo. Quando a gente entrava na sala, preparava sempre as orelhas. Aquele que não levasse as orelhas bem lavadas, a professora fazia-o ir, logo ali perto da escola, à Fonte do Sabugueirinho. Dizia:

- "Vá lá à fonte lavar as orelhas. Enquanto não estiverem limpas não entra cá."

Em chegando à sala de aula com as orelhas lavadas, a professora vinha à porta, pois ninguém podia entrar sem pedir licença. Mesmo se viéssemos à casa de banho, a qual era desviada do edifício, tínhamos de pedir licença à professora. Quando era para entrar, tornávamos a pedir licença. Não se entrava de qualquer maneira pela porta adentro. A mim, por acaso, nunca me calhou mandar-me lavar as orelhas, mas calhou a outros diversas vezes. Ela revistava tudo, inclusive via se traziam bichos na cabeça, pois pegava-se uns aos outros. Mesmo naquela altura havia pessoas que tinham já mais limpeza, os pais andavam mais em cima. Ainda assim, cheguei a criar bichos na cabeça.

Estas são as memórias que tenho. Entretanto, tira-

ram-me da escola, porque naquela altura não era obrigatório. Passados uns dois ou três anos, é que houve uma mudança e os alunos que não quisessem andar na escola tinham que pagar multa. Não sei quanto, mas era muito dinheiro. Naquela altura, os nossos pais queriam era que a gente andasse a guardar o gado. A gente saiu da escola e não aprendeu.

Mais tarde, quando fui para Lisboa, sabia fazer uma carta e ler, mas não era perfeito. Recordo-me que quando fui para os caminhos-de-ferro fui obrigado a tirar pelo menos a 3^a classe, senão não me aceitavam. Entrei para lá, mas com essa condição. E tive que voltar a estudar. Andava na escola que ficava na Rua Leite Vasconcelos. Na altura, a empresa dos caminhos-de-ferro já tinha um acordo com certas escolas e tínhamos os nossos horários marcados de acordo com o trabalho. Quando saía do meu trabalho, ia para a escola durante umas duas ou três horas, vínhamos para casa e no outro dia era a mesma coisa. No final, fiz o exame em Santa Clara, na escola da Câmara Municipal.

Migração “42 anos em Lisboa”

Da minha terra, praticamente, quase ninguém emigrou para o estrangeiro. A força da migração de Soito da Ruiva era para Lisboa e Piedade. Lá é que estava a força dos homens que foram daqui. Na altura em que o meu pai foi trabalhar para a cortiça houve muita gente de Soito da Ruiva que também foi para lá. Trabalharam lá os meus tios e um cunhado meu. Quer dizer, a maior força dos homens que iam para Lisboa era para o peixe ou para a cortiça. Era mais ou menos o trabalho que o pessoal de entremeio tinha. A cortiça ficava para os lados da Piedade e o peixe era no lado de Lisboa.

As pessoas iam para Lisboa para ganharem um dinheiro e trazerem para cá, porque cá não havia. Nessa altura não se falava em reformas, nem nada. Se a gente não o fosse ganhar, não tinha.

Estive 42 anos em Lisboa a trabalhar. Fui para lá com 14 anos. Morei sempre em Santa Apolónia. Ainda

cheguei a morar na mesma casa com o meu pai e uns tios. Durante esses anos, a minha mulher ficou sozinha com os filhos. Mais tarde, levei os meus filhos para Lisboa.

Na altura em que estive em Lisboa cheguei a andar aos meios anos sem cá vir, mesmo já no fim de estar casado. Escrevíamos cartas para matar as saudades da família. E aqueles que não sabiam escrever tinham que pedir a outros para lhes fazerem as cartas. Ainda não se utilizava o telefone. O telefone surgiu ainda não há muitos anos. A gente se não o ganhasse lá, estava mal! O que se cultivava muitas vezes não chegava para a ajuda de criar os filhos e para a mulher.

As mulheres costumavam ficar em Soito da Ruiva. Era "rala" (rara) aquela que ia para Lisboa com o marido. De vez em quando, tínhamos que mandar dinheiro para cá. Outras vezes, quando vinha de Lisboa uma pessoa, ou assim, dizia:

- "Eras capaz de me levar este dinheirito e entregar à minha mulher?"

A mulher fartava-se de trabalhar, mas não ganhava dinheiro. E sem dinheiro também não se vivia em Soito da Ruiva. Era preciso comprar uma roupazita para ela e para os filhos, petróleo, fósforos, com licença, o porco, e essa coisa toda. Embora não houvesse luz, gastava-se à mesma. Ela tinha que ter sempre qualquer coisita por modo de se governar.

As pessoas que estavam em Lisboa, naquela altura, não se juntavam muito, porque não queriam gastar o dinheirito para trazer para a família. Cada qual tinha que fazer o seu comerzito. Eu também, até porque fui eu que ajudei a criar os meus filhos quando estavam em Lisboa. Fazia o comer para mim e para eles. Uma panela de comer para os três e em se acabando aquela tinha que se arranjar outra.

Hoje a maior força do pessoal da minha terra está e mora na Piedade. Moram alguns em Lisboa, mas a maioria está na Piedade. Tenho lá dois irmãos da minha mulher, a minha sobrinha e o meu sobrinho. O meu filho tem um estabelecimento em Santa Iria da Azóia e mora em Vale de Figueira, próximo a S. João da Talha.



Fotografia 2: Carteira de Utilização do Mercado Abastecedor de Peixe Miúdo. Lisboa, 1962.

Percurso Profissional *Dos caminhos-de-ferro ao peixe*

O meu primeiro emprego foi nos caminhos-de-ferro, em 1954. Tinha 14 anos. Foi o meu pai que me levou para Santa Apolónia para ir trabalhar. Recordo-me que fui ganhar 18 mil e quinhentos. O meu trabalho era descarregar, carregar e engatar vagões. Era um serviço muito duro. A gente trabalhava por turnos, umas vezes pegava às 8h até às 17h e depois pegava outra vez das 17h até à "meia-noute". Quando trabalhava apenas na parte da manhã, às vezes saía dos caminhos-de-ferro e ainda ia trabalhar para outros serviços. Às vezes diziam-nos:

- "Ó fulano, queres vir fazer este serviço?"

A gente lá ia, porque queria era ganhar o dinheirito. Em "vera" (vez) de a gente ir fazer o comer para o almoço, comia-se uma bucha seca, uma carcaça com um bocado de queijo ou chouriço. A gente queria aproveitar o dinheirito.

Havia mais pessoas de Soito da Ruiva a trabalhar nos caminhos-de-ferro. Estava lá a trabalhar um cunhado meu, que foi quem me puxou para lá. Havia também um tio dele, que foi quem o levou para lá. Quer dizer, iam puxando assim as pessoas. Eu não tinha experiência, então fui trabalhar para o pé de uma pessoa mais experiente. Por exemplo, eu fui trabalhar para o pé do



Fotografia 3: Manuel Grácio quando estava a cumprir o serviço militar. 1960.

meu cunhado que me ia indicando o que fazer.

Cheguei a morar ao pé do meu cunhado. Aliás, chegámos a estar algumas cerca de 14 pessoas da minha terra a viver numa casa. Pagávamos um "x" de renda e lá fazíamos o comerzito. Estive em Santa Apolónia durante seis anos. Depois fui para a tropa.

Assim que saí da tropa, o meu pai puxou-me para o peixe, ali a seguir ao Cais do Sodré, chamava a gente a Praça da Ribeira. Aí também andei uns 20 e tal anos. Depois é que fui para a Docapesca e estive lá. A Docapesca era a seguir ali à Torre de Belém, por baixo dos Jerónimos.

Cheguei a trabalhar também na Muralha, chamavam a estiva. A Muralha era ali à beira-mar. Começava lá em baixo em Belém até cá em cima, onde é agora a Expo. Por ali fora chamavam a Muralha.

“O meu pai puxou-me lá para o peixe”

Quando saí da tropa, fui trabalhar para a Praça da Ribeira. A Praça da Ribeira era um ambiente de estupidez. As varinas falavam mal que eu sei lá. Não estava habituado àquilo, porque ia educado da tropa. Saí de lá com uma educação boa! Na altura, vinha folgado e quando comecei a trabalhar até me rebentaram as mãos. No primeiro dia em que cheguei a casa depois de trabalhar, só disse para o meu pai:

- Ó pai, onde você me veio meter!

Ele disse:

- "Tem calma filho, que isto com o tempo vai. O tempo é que ajuda a curar tudo."

A gente tinha que mandar desviar as pessoas, porque pegávamos na padiola, um atrás e outro à frente e levava as mãos ocupadas. A gente só encostava às pessoas com os braços. E as varinas diziam:

- "Este malandro, este assim, este assado."

Ir da tropa educado para aquele ambiente foi mau! Depois o meu pai só disse:

- "Tem calma filho, não há nada melhor para curar do que o tempo."

Aquele trabalho era duro, porque nem toda a gente se aguentava dos braços. Havia pessoas que tinham os braços mais fortes que os outros. Por acaso não me fez diferença, mas havia pessoas, coitadas, que se viam à rasca até que se habituassem àquilo. A padiola era feita de madeira, tinha dois varais e umas tábuas por cima, onde a gente colocava as caixas. Pegava-se-lhe um à frente e outro atrás. O peso fazia calo. Era um trabalho muito pesado. Assim lá andei. Ainda me convidaram para ir para encarregado, mas não aceitei. Queria vir mais amiúde à terra e se fosse para encarregado já não podia vir tanto amiúde. Então não fui!



Fotografia 4: Manuel Grácio na Docapesca.

107 mil e quinhentos escudos era dinheiro!

Trabalhar na Ribeira era dos poucos trabalhos em que ainda se ganhava um dinheirito bem bom. Recorda-me bem que naquela altura era dos trabalhos mais bem pagos. Era trabalhar de empreitada, mas sei que fui para lá ganhar 107 mil e quinhentos escudos. Quando estava nos caminhos-de-ferro ganhava 18 mil e quinhentos escudos. Era uma diferença grande. Hoje não é nada, mas naquela altura 107 mil e quinhentos escudos era dinheiro!

Docapesca

Quando acabou o trabalho na Ribeira, fui para a Docapesca. A melhor coisa que a Docapesca nos podia fazer era contar os anos que trabalhámos na Ribeira. Quando me reformei tinha 42 anos de caixa. Na altura, vieram à Ribeira buscar o nosso trabalho para irmos para a Docapesca. Éramos cerca de 106 pessoas. Fazíamos parte do sindicato e reivindicámos os nossos direitos:

- "Eles não vieram cá pedir dinheiro nenhum à empresa. A empresa é que foi tirar-lhe, é que foi lá buscar o trabalho deles."

Já disse muita vez, e torno a dizer, foi a coisa melhor que a Docapesca nos fez: contar-nos os anos. Quando fui para lá já ia com 20 e tal anos de caixa. Era o tempo



Fotografia 5: Manuel Grácio (à esquerda) com os colegas de trabalho da Docapesca.

em que estive na Ribeira.

“Fazíamos de conta que éramos irmãos”

A relação entre os colegas era boa. Tenho saudades dessa altura, porque a gente convivia com este e com aquele. A gente dava-se melhor com uns do que outros, mas com o colega com quem trabalhava, fazíamos de conta que éramos irmãos, porque ele pegava num lado e eu pegava noutro. Ele respeitava-me e eu respeitava-o.

Hoje, às vezes, há pessoas que dizem assim:

- "Fulano tem isto e aquilo."

Não sabem o esforço que uma pessoa por lá passou. Eu passei por coisas, mesmo já no fim de lá estarem os meus filhos, em que tive que me sujeitar a serviços que os outros não queriam. Tinha que aceitar, porque queria trazer para casa alguma coisita para a gente viver.

Hoje, graças a Deus, estamos a viver bem. A mulher é que às vezes... coitada, tem pouca saúde. Hoje estamos a viver bem, mas teve que sair tudo do meu esforço. Se não aproveitasse em Lisboa, não tinha cá o que eu cá tenho.

Namoro “*Era por cartas*”

Naquela altura o namoro era por cartas. A gente escrevia. Ela escrevia-me e eu escrevia-lhe. Em primeiro, não se via namorar como agora. Uma pessoa não se podia chegar ao pé da rapariga como agora. Guardavam-nas aí que eu sei lá!

Às vezes namorávamos na cozinha, à "noute", mas a mãe estava sempre ao pé! Não deixavam estar a gente sozinhos. Nos bailes, mesmo quando andássemos a namorar, podíamos dançar, mas as mães iam acompanhar as filhas ao baile.

Tive que pedir a minha esposa em casamento ao meu sogro e à minha sogra. O meu sogro estava em Lisboa e depois quando vim à terra tive que falar com a minha sogra.

Casamento “*Fomos recebidos na capela*”

Casei em Soito da Ruiva. Fomos recebidos na capela, em Fevereiro de 1963.

Naquela altura quem comprou a roupa da minha mulher foi o meu pai e a minha mãe. Mas tive que a pagar. Eu é que lá fui com ela. Em primeiro, o hábito daqui era o noivo comprar as roupas para a noiva. Tinha que ser. Não eram os pais dela. Recordo-me que o meu pai e a minha mãe foram à feira de Avô, levaram-na e escolheram a roupa, calçado e essa coisa toda. Os pais da mulher não pagavam o enxoval como agora.

No dia, ela levava vestido uma saia e casaco, um xaile de merino. Vestidos como agora usam, nessa altura não havia cá. Eu levava umas calças, casaco e chapéu. Naquela altura usava-se chapéu.

A festa, onde a gente comeu, foi numa casa próxima à Torre do Relógio. Era a casa da minha sogra. Foi no andar de cima, mas estava diferente do que é agora. Agora está bem arranjada. Tinha dois quartos, os quais tiveram que desocupá-los. Uns estavam a comer na sala, outros num quarto, outros noutra e ali é que se fez a festa.

Ainda me recordo, naquela altura era uso os convi-



Fotografia 6: Manuel Grácio e seu filho, Arménio Grácio, num baptizado.

dados darem uma rês, porque quase toda a gente tinha gado. Ainda me recorda, mataram-se dez cabeças, entre grandes e pequenas, para o nosso casamento. Depois andava-se a comer à fartura de quarta até passar o casamento, até domingo ou assim.

As pessoas tinham que ajudar-se umas às outras, porque faziam muitas coisas. Assavam-se muitas carnes, coziavam duas ou três fornadas de pão, arroz doce, faziam a tigelada e essas coisas todas boas. Depois tinha que haver as outras mulheres para ajudar, mas eram as convidadas, que a gente não ia convidar a população toda. A gente só convidava, por exemplo, os irmãos, os tios, os avós. E então tinham o hábito de a pessoa que era convidada dar uma cabra, uma ovelha ou um chibo e preparavam tudo. Vinha cá um, até era do Sobral Magro, matar o gado e depois ia assando. Não se assava tudo naquele dia. Estavam sempre dois fornos a trabalhar até ao dia do casamento. A carne ainda era mais à fartura do que agora se vê nos casamentos. Enquanto houvesse carne, todos os convidados comiam lá, não iam comer a casa deles.

E depois ainda tínhamos uma coisa: eu e a minha mulher no dia após o casamento, ela ia chamar as raparigas e eu ia chamar os rapazes e os homens lá para casa para irem comer. Não se ia levar à pessoa. Todos iam a nossa casa para termos sempre a mesa posta para a gente comer. Era o hábito de cá.

Casamentos de fora

Também havia cá casamentos com pessoas de fora. Ainda me lembra, casaram-se aí alguns que eram de fora da terra. A rapariga era de cá e depois tinham que convidar os convidados. Ele convidava as pessoas da banda dele e ela convidava os de cá. Se a rapariga fosse daqui, o casamento era aqui. Onde fosse a terra da rapariga é que era lá feito o banquete, embora trouxessem coisas de onde vinham.

Ainda me lembro de ir a um casamento de um primo meu, em que a rapariga era de uma terrazita chamada

Tojo. O meu pai era irmão do pai dele e então a gente levou daqui umas duas ou três cabras às costas, já mortas, para o casamento e ficámos no Tojo.

Quotidiano *Rotinas da terra*

Enquanto os maridos estavam em Lisboa, as mulheres que ficavam em Soito da Ruiva tinham tarefas a fazer. Tinham que tratar dos animais e fazer a sementeira. A cava os homens vinham-na cá fazer, mas a sementeira depois já elas tinham que a fazer. Depois tinham que carregar os "renovos", apanhá-lo quando chegava a altura. Os homens só cá vinham uma vez por ano.

O meu sogro só cá vinha na altura da "enleira" para "enleirar" o "renovo", que era em Junho. Só cá vinha de ano a ano, assim como o meu pai. O meu pai e outros só cá vinham de ano a ano.

O costume da terra era fazer as colheitas em Outubro. Semeávamos milho e feijão. A batata era mais cedo, em Julho. Era semeada em Abril também. A batata em três meses cria-se. Os homens vinham cá cavar as terras em Abril para depois sementearem. Em se cavando as terras, depois a mulher é que tinha que fazer aquilo tudo. Quando colhíamos o milho ajudávamo-nos uns aos outros. Íamos ajudar a debulhar a este e àquele e depois estes também vinham ajudar-nos depois.

“Burnalzito às costas”

De manhã, a primeira "dejuva" (tarefa) que a gente tinha era ir a caminho do mato. A gente tinha muito gado e era preciso ir buscar o molho para lhe botar de manhã. À noite botava-se-lhe outro. Todos os dias, antes de se sentar à mesa para comer, era logo a caminho do mato.

Depois de almoçar, íamos deitar o gado pelas serras fora. Lá estávamos todo o dia. Levávamos um "burnalzito" às costas com uma buchita para a gente comer. Outras vezes, levávamos uma latita, para beber o leite que ordenhávamos de uma cabra e migávamos um bocadinho de pão. Essa era a nossa bucha durante o dia todo.

Cheguei a guardar cento e tal cabeças de gado, quando era pequeno, mas não era só o gado da minha mãe. Íamos para os montes, até lá em cima, junto das torres. Só podíamos andar no nosso limite. Por exemplo, para o lado do Piódão não podíamos ir. Então, corríamos tudo. Não havia os matagais como agora se criam. À noite tornávamos a vir com elas para o curral. E no outro dia à mesma hora, fazíamos a mesma rotina. Era sempre assim, chovesse ou não, tínhamos que as botar sempre na serra.

Mesmo quando andava na escola, quando eram os dias maiores e chegava a Soito da Ruiva, lá estava a minha mãe à espera:

- "Olha, que tens que ir para tal parte. Olha que tens que ir ceifar um bocado de erva para o gado. Olha que tens que ir assim, olha que tens que ir assado."

Já estava o serviço estipulado para a gente arrancar.

Quando éramos rapazes, o domingo era o dia que a gente aí dançava, pois formava-se o baile naquele larguito da Torre do Relógio. Mas primeiro tínhamos que ir encher a barreira aos animais. Só depois é que íamos bailar.

Hoje em dia, a vida é diferente. Levanto-me, vou tomar alguma coisa para comer e tratar das cabritas. Tenho que lhes botar um bocadinho de mato e ordenhá-las. Em chegando, por volta do meio-dia quando há vagar, vou botá-las aí para as fazendas. Tenho que ficar a guardá-las, porque as que eu lá tenho, se não me virem já não comem. Tenho que andar ao pé delas. Também já cavei uns bocados que tenho perto das casas, mas foi pouco que eu já não posso cavar muito.

Costumes *Épocas festivas e sabores típicos*

Quando eram as vésperas de Natal fazíamos uma fogueira no largo do relógio. Ali, em primeiro, eram as eiras, onde se estendia o milho para secar. Mas depois, quando a nossa Comissão foi formada, veio cá um engenheiro tirar a planta. Mas era ali onde se fazia a fogueira

e uns grandes bailes, naquela altura.

“Queimava-se o gato”

Quando era pelo São João "queimava-se o gato", assim se dizia. Quer dizer, a gente não queimava o gato, agarra-va-se um gato, metia-se dentro de um cântaro, tapava-se a boca do cântaro, para o gato não sair, com um corde-
linho feito de saco para arder facilmente. Depois, ia-se buscar um grande pinheiro, que a gente via-se à rasca para passar na povoação, fazia-se uma cova para lá se espetar. O pinheiro depois era embrulhado com palha de centeio até ao cimo. E no cimo, era atada a asa do cântaro com um negalho da palha do centeio. Quando era perto da "meia-noute" formava-se o baile em volta do pinheiro e acendia-se o lume. O lume ia até lá a cima, queimava o negalho, depois o cântaro caía de lá de cima e o gato fugia.

“À luz da candeia”

Quando era pelo Carnaval, a gente às vezes levava noites inteirinhas a dançar, numa casa encostada à torre, à luz da candeia. Naquela altura não havia electricidade, não havia nada. Mas era ali que a gente se ia divertir. Essa casa agora até é de um cunhado meu.

Primeiro, nessa altura também nos mascarávamos. A gente vestia a roupa mais velha que por aí houvesse. Era o nosso esparecimento. Quando era Carnaval, pelo menos o mês do Carnaval, de sábado para domingo era quase todas as noites. A gente levava, pelo menos de sábado para domingo, até de manhã, a dançar. Era o nosso divertimento, porque não tínhamos mais coisíssima nenhuma.

“Comíamos o que a gente quisesse”

Durante a Quaresma, a minha mãe fazia assim: a carne que sobrasse do dia de Carnaval só se comia no sábado de Páscoa, em dando 10 horas. A minha mãe punha-a no azeite. Naquele dia comíamos o que a gente quisesse,

mas a partir do dia de Carnaval até ao sábado da Páscoa ninguém mexia em carnes nenhuma. Não é como agora. Agora come-se carne em qualquer altura, mas o meu pai e a minha mãe eram muito religiosos, muito, por isso tínhamos que respeitar.

Todos os anos matava-se, com licença, um porco. O meu pai quando era para os comprar vinha cá sempre e para o matar também. Naquela altura, também se fazia uma festa quando se matava, com licença, o porco.

Na matança do porco chamava-se a família mais chegada, por exemplo, os irmãos, os tios, porque uma pessoa sozinha também não se alinha com aquele trabalho. De manhã, a gente ia chamar os convidados, depois vinha-se tomar o pequeno-almoço e depois ia-se matar, com licença, o porco. A matança do porco dá muito trabalho e são bichos grandes. Depois de morto chamuscava-se com umas carquejas e, no fim, era lavado e raspado com umas facas. Depois, penduravam-se os porcos num "chambaril" (instrumento de ferro).

Entretanto, a primeira coisa a preparar-se do animal era o sangue, que era cozido e vinha para uma caldeira ou um caldeiro. Depois botavam-lhe um bocadinho de azeite e de alho e comia-se. E levavam-no lá para a loja, onde estava o porco e sempre tínhamos um petisco.

Abria-se, tirava-se-lhe as tripas para fora e o sangue ficava a escorrer até à tarde. À meia tarde, tornava-se a comer uma bucha e arriava-se para o chão para se desmanchar e fazer enchidos. Juntava-se lá o pessoal para se migar as carnes. No outro dia, o trabalho era já com as mulheres, as quais tinham que encher o enchido para depois porem no fumeiro a secar. A matança do porco era assim. O nosso enchido foi sempre muito bom, até teve boa fama. Foi muito falado por muito lado. Naquela altura é que aproveitávamos para encher a barriga, porque noutras alturas não havia tanta fartura.

Romaria a São Lourenço

No Verão, em Agosto, temos uma Romaria. O nosso padroeiro é o São Lourenço. O dia do santo é a 10 de

Agosto, mas nem sempre calha ao sábado. No início fazia-se a Romaria no primeiro sábado, mas depois quando foi formada a Comissão mudaram. Ficou agendada para o primeiro sábado mais próximo do dia 10 de Agosto.

Nessa altura é quando cá se junta muita gente. Há gente da terra que só cá vem de ano a ano. De resto não vem cá e tem as suas portas fechadas. No dia do santo junta-se a malta toda. Fazem o convívio, depois ao outro dia é a festa, fazem ali um convívio no largo. Põem para lá umas mesas, uns petiscos e divertem-se ali. Fazem uma procissão que até passa aqui ao pé de minha casa e vai dar a volta lá além, ao pé da Torre do Relógio. Depois vai lá a cima ao largo, do largo torna a voltar para cá. Vai ali por uma ruazita estreitinha e vai de lá direito à capela.

No dia da festa, cada qual tem os seus convidados e não comemos juntos. Mas no outro dia, chamamos àquilo de piquenique. A Comissão põe lá as coisas e depois paga-se um "x". Dizem:

- "Olha, calha um montante a cada pessoa."

É um convívio que se faz no largo. No ano passado vieram dois conjuntos de música. Este ano vem a música, que é de uma terra chamada Vila Cova. O nosso rancho, no ano passado foi convidado para ir a essa terra, e não levou nada. Então, fizeram uma troca. Este ano, voltam cá e quando for a altura da festa deles vai lá o nosso rancho. Apenas temos que lhes dar o comer. Chegam aí, contam-se os músicos e dividem-se pelas casas. Por exemplo, no ano passado disse:

- Olhe, não me importa de levar dois ou três a minha casa.

Em primeiro, era música de Pomares que vinha cá e os músicos comiam onde é a casa da Comissão. Punham as mesas, a minha mulher ia lá levar carne, isto, aquilo, e os outros a mesma coisa. Quer dizer, cada casa ia lá levar um "x" de uma coisa de comer. Aquilo que tivesse na ideia de levar para comerem. Agora que aconteceu isto com o rancho de Vila Cova, vem cá então o de Vila Cova mas a gente tem que chamá-los a casa. Posso trazer três, dois ou um, conforme. Dividimos assim. Com a música de Pomares já não era assim.

A malha do centeio e a desfolhada

Na altura do Verão, em Agosto, malhava-se o centeio. Faziam-se umas cavadas, onde se semeava o centeio, depois era ceifado e trazia-se para a eira. Costumavam juntar-se, às vezes, de quatro a seis homens, um de cada lado a malhar. Havia uns mangais, umas pessoas de um lado e outras do outro a malhar o centeio. Em se malhando o centeio, tirava-se a palha da eira para fora. As mulheres juntavam-se e varriam a eira para se apanhar o centeio. O centeio era erguido, por exemplo, como a gente erguia o milho. Porque senão, depois aquilo ia para o moinho e o moinho não o fazia andar, por isso tinha que ser erguido. Depois arrecadava-se.

Ao fazer a desfolhada, se a gente encontrasse o milho-rei (grão de milho vermelho), costumava-se ir dar um abraço às raparigas, quando elas cá estavam.

O que ajudava cá o pessoal era o centeio e o milho. Não havia outra coisa. O centeio era para se cozer, como a broa de milho. Outras vezes misturava-se com o milho. Mas havia quem o cozesse assim simples. E comia-se bem. O centeio era bom. Aqui procurava-se mais era o milho, mas não chegava. Tinha-se que fazer as cavadas para misturar. Como o pessoal nessa altura ainda era muito faziam-se as cavadas rápido.

Pão leve

Um doce típico de Soito da Ruiva é o pão leve. O pão leve é quase como a tigelada, leva ovos, farinha e açúcar. Depois vai para uma forma e fica com um buraquinho no meio. Para se ver se está cozido arranja-se uma palhinha e se a palha vier molhada ainda não está cozido, se ela vier enxuta já está cozido. Para ter a certeza se realmente está cozido tem que se fazer assim.

Religião “Pedir a bênção”

Sou da religião católica, pois foram valores transmitidos pelo meu pai. A minha mãe também ia sempre à missa.

Em todas as refeições, à "noute" e ao meio-dia, o meu pai rezava a muitos santos e a gente respondia. Depois, no fim de ele acabar de fazer a reza dele, já nos deixava andar assim à vontade. Mas enquanto estivéssemos ali a rezar tínhamos que lhe pedir a bênção, tanto ao pai como à mãe.

Andei na catequese em Pomares, onde fiz a Primeira Comunhão. Quando faltavam 15 dias para irmos à Comunhão tínhamos que ir a Pomares todos os dias. Ir todos os dias da aldeia para Pomares são nove quilómetros, para baixo e para cima. Todos os dias, a gente tinha de lá ir.

25 tostõezitos

Naquela altura, ainda me lembra a minha mãe dizia-me assim:

- "Ó filho, levas 25 tostõezitos para lá comprares um pão."

Mas não falava no conduto. A gente quando lá comprava o pãozito, aquilo sabia às melhores maravilhas. Ela dava-me sempre 25 tostõezitos para comprar um pão em Pomares.

Depois da Primeira Comunhão a gente ia-se confessar ao padre, mas era só uma vez por ano. Assim, quando íamos à missa podíamos comungar.

Não havia padre em Soito da Ruiva, só em Pomares. Houve um padre que esteve 30 e tal anos em Pomares e costumava vir à aldeia, mas só quando era pelas festas ou coisa assim. De resto, como tinha muitas freguesias não podia vir cá. Às vezes, só de ano a ano é que íamos à missa porque era muito longe. Umhas vezes ia-se a Pomares, outras vezes ao Sobral Magro. Havia dias que estavam estipulados para ir à missa: o dia de Janeiras e o primeiro do ano. Nessa altura, era tradição fazer os torresmos, com licença, do porco. Levantavam-se de "noute" para fazer os torresmos e a gente quando ia para a missa já tínhamos comido um torresmo ou dois. Depois chegava-se a casa e tornava-se a comer.

Só íamos à missa nessas alturas do ano, não havia televisões, não havia nada. Mas na casa onde me criei, com o meu pai todas as "noutes" tínhamos de rezar. Ele rezava aos santos e nós respondíamos. E depois então é que nos íamos deitar.

Devido a esse hábito, quando estive em Lisboa, todos os domingos ia à missa da capelinha do Vale de Santo António.

Lugar “*Vim parar ao que é meu*”

Soito da Ruiva mudou muito. Para mim mudou mais de 100%. A Comissão foi o que deu alma à nossa aldeia, senão estávamos isolados. Não tínhamos nada. A Comissão trouxe para cá os melhoramentos. Nós, primeiro, não tínhamos melhoramentos nenhuns. Não tínhamos estradas, telefone, água, luz. E isto foi tudo tocado pela Comissão. Se não fosse a Comissão não tínhamos nada!

Para mim, a aldeia é onde me sinto bem. Andei aquele tempo todo por Lisboa e foi a Soito da Ruiva que vim parar. Vim parar ao que é meu. Lá não tinha nada e aqui sempre tenho alguma coisa.

Cá há coisas bonitas para ver, por exemplo, a água que nasce na serra. Se calhar há poucas serras, ou nenhuma, que tenha água como a nossa. E os moinhos. Há pessoas que adoram aquilo.

Sonhos “*Gostava... que a gente tivesse transporte*”

Gostava que no Soito da Ruiva, pelo menos, a gente tivesse transporte. Transporte não temos! Só temos uma camioneta no Sobral Magro uma vez na semana, à quinta-feira. De resto, não há mais transporte nenhum. A gente para sair só alugando um táxi, que agora conta como se fosse na cidade. Quando preciso de sair para Arganil ou Coimbra tenho de alugar um carro e conta como se estivesse em Lisboa. Ora, quando alguém se dirige da aldeia para Coimbra tem que lá estar o dia quase todo e, de táxi, fica uma despesa muito grande.

Avaliação

A ideia que a Comissão e o Professor Álvaro Costa tiveram foi muito boa. Ele já cá veio e ouvimo-lo na casa da Comissão. Apoiei-o bastante, bati-lhe palmas também e mais gente o apoiou. Se realmente for verdade aquilo que ele apresentou, a nossa terra... a minha terra fica a ter muito mais valor do que o que já tem. Se realmente for verdade, façam!